Lênin e os problemas candentes do nosso movimento

Cláudio Gurgel
Professor da Universidade Federal Fluminense (UFF)

"Que fonte de razão se extinguiu! Que grande coração deixou de pulsar" – com estes versos de Nekrássov, Lênin fez, em 1895, o elogio fúnebre de Engels. Foi certamente uma de suas poucas avaliações equivocadas. A fonte de razão continua viva, na obra e no exemplo, acompanhados mundialmente. O coração se transplantou para sucessivas gerações de socialistas.

Gozando do benefício do *pos facto*, quando pudemos ver a sobrevivência centenária de Engels, agora, quando da rememoração dos oitenta anos da morte de Lênin, preferimos os versos promissores de Maiakovski: "Tempo, volte a agitar as bandeiras de Lênin ao vento. É próprio de nós verter lágrimas a rios ? Lênin, agora, mais vivo está que todos os vivos. Ele é nosso saber, e força, e arma".[1]

Uma pauta de debates ampla e profunda

Lênin dedicou sua vida à política revolucionária durante quase quarenta anos. De pouco antes do exílio na Sibéria, em 1887, até janeiro de 1924, quando faleceu. Sua intensa participação no processo revolucionário russo colocou diante dele uma variada pauta de questões e debates.

Mais importante que sua grandeza e diversidade era o fato desta pauta não ser exclusiva e pessoal. Era uma pauta compartilhada com uma geração de revolucionários e uma conjuntura européia extraordinárias. Ambas as coisas – a geração rebelde e a conjuntura de transformações – se alimentaram para produzir fatos novos. Era a emergência dos trabalhadores na política burguesa, saudada pelo próprio Engels, na introdução de *As lutas de classe na França*:

[1] V. Maiakovski. *Lenin*. Moscou: Progreso, 1973, p. 2.

a consolidação dos partidos populares e do escrutínio universal, a expansão do pensamento marxista e o crescimento das ações diretas das massas. Mas também era o "capitalismo organizado", que Hilferding percebeu e revelou em seu *Capital Financeiro*, o imperialismo moderno e a guerra mundial, até então desconhecida.

Os pontos desta pauta de debates se renovavam a cada dia. As reuniões tornavam-se esgotantes, quando não dos conteúdos, certamente dos participantes. Excetuando seu segundo livro, *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, enriquecido e concluído na Sibéria, a produção teórica de Lênin inspira-se neste ambiente, provocada por esta pauta interminável. Uma produção quase que absolutamente voltada para os embates diários. Uma produção objetiva, freqüentemente coloquial, capaz de fazer o leitor se sentir entre os revolucionários russos, mas também às vezes tão intimista que só compreendida plenamente por seus próprios companheiros e adversários da época.

Como um pensamento assim tão aparentemente russo, do século passado, que se iniciava, pode ter atualidade?

Certamente que não nos estamos indagando em face de um eventual entardecer. Isto definitivamente não é critério, no campo da filosofia, da economia e da política. Ninguém da direita contemporânea terá o desplante de argumentar com o tempo, quando resgata os *jurássicos* argumentos liberais do mercado regulador, do empreendedorismo ou da competição emuladora do desenvolvimento. Nada mais antigo.

O que chama a atenção é que a experiência de Lênin, sua pauta de debates filosóficos, políticos, ideológicos e organizativos consegue se colocar como se estivéssemos nos fazendo sua pergunta de 1902: *Que fazer?*. Mais: estivéssemos encontrando em suas palavras as respostas para os "problemas candentes do nosso movimento" – exatamente o subtítulo desse atualíssimo livro centenário.

Quem saberia explicar? Marx, quando nos afirma que as instituições jurídicas e políticas burguesas se assentam sobre as bases materiais do capitalismo e portanto não mudariam enquanto predominassem estas condições materiais?[2] Ou, para os menos ortodoxos, Weber, quando nos diz que "em todos os lugares, o empreendimento político se põe necessariamente como

[2] Karl Marx. *Teorias da mais-valia*. São Paulo: Difel, 1983, v. II, p. 24.

um empreendimento de interesses", neste sentido obedecendo a leis seculares da organização, da empresa e da guerra?[3] Ou Shakespeare, quando nos fala da natureza dos homens e de suas disputas eternas de amor e ódio, sentimento e poder : "Pois não é o que temos? Amor beligerante, ódio amoroso, tudo e qualquer coisa, nascidos do nada! Uma pesada leveza, uma grave vaidade...".[4]

Indo além da *natureza humana,* parece-nos que uma estrutura, determinada pelas condições básicas da luta de classes, faz com que os desafios e meios de luta política, na sociedade dividida, se assemelhem, a despeito dos tempos e dos lugares. Assim como é possível falar de aspectos econômicos estruturais, que caracterizam o capitalismo como um sistema sócio-econômico definido – extração de mais valia, acumulação de capital, expropriação dos meios de produção, apropriação individual do trabalho coletivo – pode-se falar da política burguesa com traços essencialmente estáveis ao longo dos tempos.

A obra de Lênin, portanto, sobrevive pela infeliz sobrevivência das condições imperialistas e de sua base moderna, o capital. Pela continuidade do concerto de interesses internacionais e da dominação que este concerto exerce, hoje sob a forma da globalização. Pela existência de um Estado operando como comitê da classe dominante, ainda que vivendo as contradições intraclasses. Pela desigualdade da disputa política, as dificuldades de enfrentar as forças do capital nos limites do seu jogo institucional e parlamentar. Por tudo enfim que justifica Clausewitz, quando afirma que a guerra é a continuação da política pelas armas ou Carl Schmitt quando reduz a política a uma luta entre amigos e inimigos. Ou, mais recentemente, Thomas Ferguson, quando denuncia a "política como investimento" empresarial ou definitivamente Schumpeter, quando produz a pérola reveladora de tudo isto, o seu conceito de "mercado político".

Todos estes reducionismos – a "realidade invertida", como diz Marx – que expressam a leitura burguesa da política, tem em Lênin o seu avesso do avesso. Mas sua leitura do fenômeno político burguês trabalha com as mes-

[3] Max Weber. *Ciência e política – duas vocações.* São Paulo: Cultrix, 1968, p. 84.

[4] William Shakespeare. *Romeu e Julieta.* São Paulo: Nova Cultural, 2003, p. 21.

mas categorias – o imperialismo, o capital, o Estado, as instituições, o parlamento, as eleições, o partido. Sua condição revolucionária, aquilo que o distingue, é que ele é o avesso disto tudo. Não é o imperialismo o seu limite; é o internacionalismo. Não é o Estado; é a Comuna de Paris, são os *soviets*. Não são as instituições legais; mas a ultrapassagem do legal pelo ilegal. Não é o parlamento e as eleições, o sufrágio universal – apesar das palavras de Engels ("a rebelião ao estilo antigo, o combate nas barricadas, estava consideravelmente ultrapassado")–; é a rebelião e a barricada, o partido de combate, a insurreição.[5]

Questões candentes I: imperialismo, globalização e internacionalismo

A mais candente questão, no plano internacional, continua a ser o novo nome do imperialismo, como dizem Anderson, Petras, Touraine e outros – a globalização. Não apenas a globalização do capitalismo, mas a globalização de uma de suas formas mais cruéis, o neoliberalismo, cuja afirmação mundial precisa da guerra preventiva, da ocupação ideológica/pensamento único e das anexações econômicas, Nafta, Alca *et caterva*.

Nenhum socialista desconhece o quanto é necessário lutar contra a globalização neoliberal. Esta é, sem dúvida, uma questão candente. A chamada que se repete nos Fóruns Sociais – *Outro mundo é possível* – significa uma insuficiente, às vezes ingênua, mas valiosa resistência planetária ao totalitarismo que parece confirmar Kaustsky e sua tese do "ultraimperialismo". Um imperialismo unificado, sem contradições, dominando o mundo.

Inevitavelmente esta questão candente nos faz lembrar de Lênin e do *Imperialismo – fase superior do capitalismo*.[6] Ali, ele procura "expor sumariamente, da forma mais popular possível" as lógicas, exemplos, tabelas e inúmeras cifras que explicam as causas desta fase necessária ao capitalismo: a) a produção capitalista e o próprio capital cada vez mais concentrados; b) as

[5] Friedrich Engels. Introdução a As lutas de classe na França. In: *Engels. Coleção Grandes Cientistas*. São Paulo: Ática, 1981, p. 218.

[6] V. Lênin. *Imperialismo – fase superior do capitalismo*. Lisboa: Avante!, 1977.

práticas monopolistas que se multiplicam, apesar das sucessivas leis antitrustes e anticartéis; e c) o capital financeiro que cresce e domina organicamente, associando-se, mas exercendo supremacia e direção sobre o capital industrial.

"O que caracterizava o velho capitalismo, no qual dominava plenamente a livre concorrência, era a exportação de mercadoria. O que caracteriza o capitalismo moderno, no qual impera o monopólio, é a exportação de capital", diz Lênin.[7]

Citando autores da época, ele demonstra a movimentação dos capitais. É o início do espantoso fluxo de capitais do imperialismo moderno. Mais recentemente, esta movimentação se acelera e, de 1967 a 1989, sai de 105,5 bilhões de dólares para 1,4 trilhões.[8] Em síntese, "o imperialismo é o capitalismo na fase de desenvolvimento em que ganhou corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro, adquiriu marcada importância a exportação de capitais, começou a partilha do mundo pelos *trusts* internacionais e terminou a partilha de toda a Terra entre os países capitalistas mais importantes".[9]

Estas novas características eram observadas em fins do século XIX e início do século XX, no desenvolvimento do capitalismo moderno. No presente, ocorre idêntico espetáculo de fusões e incorporações, intensa competição entre nações, blocos e corporações e aberta dominação do capital financeiro, que subordina dezenas de nações e faz a aura do FMI. Levantamento da revista *Fortune* sobre os 500 maiores conglomerados do mundo, revela que 437 deles se localizam em apenas 10 países.[10] É só uma ilustração da concentração produtiva e de capitais, da dominação dos monopólios e da partilha do mundo pelas corporações.

Mas Lênin, até este ponto, aprofunda o que Hobson (*Imperialismo*) e Hilferding (*Capital Financeiro*) já haviam dito, e Kaustsky (*O imperialismo*) retomado, nos seus respectivos textos. Seu maior mérito não está nos fundamentos da tese que identifica a fase superior do capitalismo, mas nas conclusões sobre o que se esperar e o que fazer nesta fase. Aqui reside a atuali-

[7] Idem, p 621.

[8] François Chesnais. *A mundialização do capital.* São Paulo: Xamã, 1996, p. 65.

[9] V. Lênin. *Imperialismo - fase superior do capitalismo. Op. cit.*, p. 642.

[10] *Fortune*, 26 jul. 1993.

Mas este apogeu não significava a unidade internacional, a supressão das contradições, a paz. Ao contrário: "As alianças pacíficas preparam as guerras e por sua vez surgem das guerras, conciliando-se mutuamente, gerando uma sucessão de formas de luta pacífica e não pacífica sobre uma mesma base de vínculos imperialistas e de relações recíprocas entre a economia e a política mundiais".[21]

Nem as classes estão completamente separadas, nem a revolução socialista mundial está separada da revolução nacional. Muito menos haverá paz no aparente *ultraimperialismo* de Kaustsky, ou *interimperialismo*, como preferia Hobson.

Há um caráter capitalista, um *subsolo capitalista*, antes de tudo, na globalização, digo, no imperialismo. Como tal, as formas de luta pacíficas e não pacíficas se expressam no plano internacional e nacional. A disputa intraimperialista que se trava entre os grupos que partilham o mundo – sua contradição específica – conta com a exploração aguda dos trabalhadores dos seus países e dos países subjugados – a *opressão nacional,* como diz Lênin. Esta é a contradição fundamental, a contradição do *subsolo,* a contradição entre o trabalho e o capital.

Nada mais atual. Analisando o fim do milênio, Castells descreve a *opressão nacional* na "era da informação": "Há polarização na distribuição da riqueza em âmbito global, evolução diferencial na desigualdade de distribuição de renda interna nos países e crescimento substancial da pobreza e da miséria no mundo inteiro e na maioria dos países, *tanto desenvolvidos como em desenvolvimento*".[22] Citando o livro de Julie Schor, economista de Harvard, *The overworked American*, cujo título diz tudo, Chomsky comenta que "por volta de 1990, ano em que escreveu seu livro, os trabalhadores (norte-americanos) precisavam trabalhar cerca de seis semanas adicionais por ano para manter o nível de salário real de 1970".[23] De lá para cá, não tem melhorado.

[21] *Idem*, p. 665.

[22] Manuel Castells. *Fim de Milênio.* Era da informação: Economia, Sociedade e Cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2000, , v III, p.107 (grifos nossos).

[23] Noam Chomsky. *Segredos, mentiras e democracia.* Brasília: UnB, 1999, p. 49.

Tratando da revolução mundial, Lênin diz que "a vitória do proletariado na Rússia ajudou-a, acelerou-a e apoiou-a".[24] Com isto, reafirma seu conceito de internacionalismo como uma participação em duas frentes, combinando trabalho e atos internacionais, com trabalho e atos locais. A revolução nacional é uma "aproximação da revolução proletária mundial".[25]

Portanto, está certo Arrighi quando nos diz que Lênin propõe "uma intervenção ativa nessas contradições, conflitos e convulsões, ao mesmo tempo sustentando os princípios do internacionalismo".[26] É esta intervenção que revela e aprofunda as contradições, barra os avanços do imperialismo e constitui efetiva resistência à barbárie e passos na construção do *novo*. Não basta exibir ao mundo a rebeldia juvenil, o exotismo de propostas generosas, uma ação ou política externa de linguagem e aparência ousadas. É preciso ousar lutar no subsolo do imperialismo, aqui e ali, onde as grandes corporações se abastecem de valor, de *mais-valia*, de trabalho expropriado, com suas reformas conservadoras e suas flexibilizações e desregulamentações do capital e do trabalho.

Esta é uma lição contemporânea. Mais que isto, a definição de um plano de lutas, sem escapismos.

Significa dizer que *Outro mundo é possível*. Mas, por isto e para isto, outro Brasil, outra Argentina, outra Itália são possíveis. Mais que possíveis – necessárias.

Questões candentes II: PT, governo e novo partido

No plano nacional, no Brasil, os problemas candentes do nosso movimento chamam-se Partido dos Trabalhadores, seu governo e o Novo Partido Socialista, que se constrói.

A questão do PT e o seu governo constitui hoje um nó teórico e político de grande monta. Mas é possível um resumo objetivo do que se passa.

[24] V. Lênin. *A revolução proletária e o renegado Kaustski. Op. cit.*, p. 51.

[25] *Idem*.

[26] Giovanni Arrighi. *The geometry of imperialism*. Londres: Verso, 1983, p. 67.

O Partido dos Trabalhadores de há muito convive com sérios problemas. Não tendo superado seus vícios de origem – um plurarismo que se sobrepôs à democracia interna, uma indefinição estratégica que se fez tática do seu setor à direita – tornou-se um partido fracionado e eleitoral. Sua política de tendências foi convertida na base real (e única) do seu funcionamento e organização. Seu projeto de poder caiu sob a influência das correntes social-liberais. Passou de partido socialista, dos movimentos e da ação direta, a partido de representação eleitoral reformista.

Mas, apesar disto, o PT foi até bem pouco, um instrumento de luta dos trabalhadores. Sua ala esquerda lhe emprestava verniz popular e o verniz popular rendia votos a sua ala direita. Daí porque lhe coube tão bem a tirada de Felipe Gonzalez: "o poder é como o violino, pega-se com a esquerda e toca-se com a direita". Este acordo tácito, nunca expressado e pouco percebido, lhe imprimia um certo vigor transformador, que desapareceu no acordo pré-eleitoral que levou Lula à presidência.

Seus grupos internos, principalmente os social-liberais, o controlaram e o conduziram nas últimas eleições. Um núcleo de poder partidário, articulado como um partido dentro do Partido, fechou todos os acordos necessários para ganhar as eleições presidenciais. Mas produziu um governo que, em menos de doze meses, desmontou a *aliança* partidária interna, desfez sua imagem externa e relegitimou a cambaleante inserção internacional subalterna do governo anterior. Aquilo que o ex-presidente FHC já não conseguia realizar, do projeto neoliberal globalizado, o PT tornou novamente viável. Até meses atrás, meses que precederam a posse de Lula, apenas o PT e alguns setores isolados de fato resistiam ao neoliberalismo. Sua mudança de lado não foi pouca coisa no cenário das lutas políticas e parlamentares em curso. Os partidos da direita tradicional – PFL, PSDB, PMDB, PP, etc – fingiram resistência, mas na verdade o PT passou seu primeiro ano de governo executando o projeto da direita, portanto arrombando a porta aberta.

Ninguém mais do que Lênin teve consciência da necessidade da flexibilização e das alianças. Nos dias que antecederam a insurreição de Petrogrado, em 1917, ele ampliou as palavras de ordem bolcheviques – "o poder aos Soviets, a terra aos camponeses, paz aos povos e pão aos famintos" e defendeu "concessões aos ferroviários e empregados dos Correios", para

atrair estes setores em greve.[27] Um dia após a tomada do poder, flexibilizou e fez aliança com seus constantes adversários, os *socialistas-revolucionários*. Para isto, não teve dúvida de adotar integralmente, como decreto governamental, a proposta SR para a questão da terra.[28] Pouco mais tarde, defendeu e assinou o tratado de Brest-Litovsk, cujas concessões aos inimigos em guerra incluía grande parte do território soviético, com inúmeras fábricas (e, evidentemente, seus trabalhadores).

Como ele mesmo disse, "toda a história do bolchevismo, antes e depois da Revolução de Outubro, está cheia de casos de manobra, de conciliação e de compromissos com outros partidos, incluindo os partidos burgueses".[29] Com sua proverbial ironia, Lênin compara alguns compromissos com um assalto: "Imaginai que o vosso automóvel é detido por bandidos armados. Dái-lhes o dinheiro, o passaporte,... Recebeis em troca a libertação (...) Trata-se, sem dúvida, de um compromisso".

Mas, por outro lado, ele adverte que isto não significa aderir ao banditismo e seguir com ele assaltando os incautos. Em suas palavras, isto seria atuar "como cúmplices dos bandidos": "É preciso aprender a distinguir o homem que deu aos bandidos o dinheiro e as armas para diminuir o mal (...)e facilitar a captura (...), do homem que dá aos bandidos o dinheiro e as armas para participar na partilha do saque".[30]

O Partido dos Trabalhadores, para o governo e no governo, foi além de trocar seus bens pessoais pela libertação.

Não que se pretenda do PT, nas condições conhecidas, a insurreição socialista. Ou a nacionalização dos bancos e a reforma agrária sob controle dos camponeses, o que já esteve em sua plataforma. Ou ainda a formação de cooperativas para a gestão das empresas, o que estaria no seu ideário. O partido revolucionário não é revolucionário por propor e tentar grandes transformações a qualquer época. É revolucionário por propor o que, no momen-

[27] V. Lênin. *Carta ao CC, ao CM, ao CP e aos membros bolcheviques dos soviets de Petrogrado e Moscou.* São Paulo: Alfa Omega, 1980, p. 367.

[28] V. Lênin. *Relatório sobre a terra. Op. cit.*, p. 405.

[29] V. Lênin. *A doença infantil do "esquerdismo" no comunismo.* São Paulo: Alfa-Omega, 1980, p. 314.

[30] *Idem*, p. 290-291.

to, significam avanços suportáveis, em direção às grandes transformações. É neste sentido que Lênin vai dizer que a reforma e a revolução não estão distantes, quando observa que "a revolução socialista (...)não está separada da revolução democrático-burguesa por uma muralha da China".[31] "A segunda resolve de passagem os problemas da primeira", acrescenta.[32]

Mas, continua, "sempre dissemos que as reformas são um *produto acessório* da luta revolucionária de classe".[33]

O PT não se limitou a renunciar à nacionalização ou às cooperativas. Seus passos consolidam o projeto que realiza a mais profunda transferência de valor, neste século. Seja dos trabalhadores para os capitalistas, seja da periferia das nações pobres para os centros das nações ricas, como ilustramos no item anterior. O PT transformou o discurso socialista em produto acessório do reformismo neoliberal.

A *capitulação* do PT, como gostam de dizer alguns, uma capitulação precedida de batalha em muito semelhante à batalha de Itararé, causou uma crise interna aguda e causará novas crises. Sua militância socialista, pequena, mas relativamente atuante, está rompendo com o partido, outros com a política institucional, terceiros com a política. Ouve-se nas ruas palavras de revolta e desalento – a pior das combinações.

Ao mesmo tempo, pelo uso constante da imagem do Lula, o PT procura fazer sua *política compensatória*. Busca agregar uma nova base, parte de trabalhadores desorganizados, parte de desempregados, subempregados e miseráveis, em perigosa tentativa de renascimento populista, no conceito usado por Ianni.[34] É neste cenário que, oportunamente, surge a segunda questão candente de nosso movimento, na contemporaneidade do Brasil: o novo partido socialista brasileiro.

[31] V. Lênin. *Pelo 4º aniversário da revolução bolchevique*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980, p. 544.

[32] *Idem*, 546.

[33] *Idem*.

[34]Para Ianni, o populismo no Brasil se caracteriza pela "combinação com o setor agrário, encadeando as exigências de divisas com as exigências de investimentos destinados a atender o mercado interno...reformulação dos vínculos externos e com a sociedade tradicional. Com base na política de massas e no dirigismo estatal, estabelece gradações nas rupturas estruturais indispensáveis a sua execução (...) política externa independente...doutrina do Brasil como potência autônoma". Octávio Ianni. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 54.

O movimento por um novo partido socialista, ainda que necessário, trata-se de uma nova e grande cisão na esquerda. A cisão, de um modo geral, é uma das mais difíceis e quase sempre lamentáveis iniciativas. No histórico Segundo Congresso do POSDR, que apesar da luta interna sedimentou o Partido, definindo seu programa e estatuto, deu-se a conhecida divisão dos social-democratas russos entre *bolcheviques* (maioria) e *mencheviques* (minoria). Mas Lênin, em diversos momentos do Congresso e após ele, tentou a preservação da unidade. Foi ao limite de acompanhar Plekhanov em sua proposta de conciliação expressa no irônico artigo *O que não se deve fazer* ("para evitar a cisão, é indispensável fazer cedências"). No entanto, para Lênin, a idéia de *cedência:* "é legítima e imprescindível em dois casos: ou quando aquele que cede está convencido da razão dos que querem obter essa cedência (os políticos honestos, neste caso, reconhecem franca e abertamente o seu erro), ou quando a cedência, a uma exigência insensata ou prejudicial para a causa, é feita para evitar um mal maior (...) as pequenas contrariedades não devem prejudicar um grande prazer, uma pequena tolice oportunista (...) são preferíveis a uma grande cisão no partido".[35]

Definitivamente não é o caso presente na crise do PT. Não há mal maior a evitar, nem estamos diante de *pequenas contrariedades, pequenas tolices*.

Nas cisões, uma freqüente pergunta se apresenta: que partido construir?

Fundamentalmente, um partido que seja mais que uma representação, seja o partido independente dos trabalhadores, porque "a salvaguarda da independência ideológica e política do partido do proletariado é um dever constante, imutável e incondicional dos socialistas".[36]

Para Lênin, este partido necessário é um partido *disciplinado*. Mas seu conceito de disciplina exige certas condições que vão além da hierarquia: a) uma vanguarda consciente e dedicada; b) uma ligação estreita "com as massas proletárias, mas também com as massas trabalhadoras não proletárias"; c) justeza da direção, em sua estratégia e tática política, "com a condição de que as mais amplas massas se convençam desta justeza por experiência própria" e d) formação "facilitada" por uma teoria revolucionária – o

[35] V. Lênin. *Um passo em frente, dois passos atrás.* Lisboa: Avante!, p. 336-337.

[36] V. Lênin. *O revolucionarismo sem partido.* Lisboa: Avante!, 1984, p. 289.

marxismo.[37] Sem estas condições, prosseguindo com suas palavras, "as tentativas de criar uma disciplina transformam-se inevitavelmente numa coisa vazia". Seu conceito de disciplina, portanto, está acima do administrativo. É político-ideológico, como gostava de dizer.

A vanguarda consciente e dedicada à causa, sua primeira condição, é um aspecto antigo da formulação leninista. Está no nascimento (1903) do bolchevismo – "corrente de pensamento e partido político" – segundo diz.[38] Aparece destacadamente no *Que fazer?* quando Lênin critica o que denomina *artesanato* político. Isto é, a prática alternativa, quase diletante, não profissional da vanguarda russa. Efetivamente, não há partido revolucionário sem revolucionários que, a exemplo do próprio Lênin, dediquem seus dias, todos os seus dias, à militância partidária.

A ligação com as massas, sua segunda condição, corresponde a uma concepção de áreas de decisão e influência que se expressa bem na arquitetura de organização que esboça no Segundo Congresso, quando da defesa do artigo primeiro dos Estatutos do POSDR.

Diferentemente do que pensam muitos, seu projeto insurrecional, conspiratório até, incluía as grandes massas trabalhadores, porque, segundo disse várias vezes, sob diferentes formas, "na política, só conta o que é de massas".[39]

Sua formulação – *se fundir até certo ponto com as mais amplas massas* [40] – é a expressão mais precisa desta concepção e arquitetura partidárias. Está presente em *Por onde começar?*, na *Carta a um camarada*, em *Que fazer?* e mais graficamente, como diz, em *Um passo em frente, dois passos atrás*: "1. organizações revolucionárias; 2. organizações de operários, tão amplas e variadas quanto possível (limito-me à classe operária, supondo como coisa que se subentende por si própria o fato de que certos elementos de outras classes delas façam igualmente parte em certas condições). Estas duas categorias

[37] V. Lênin. *A doença infantil do "esquerdismo" no comunismo*. São Paulo: Alfa-Omega, p. 281.

[38] *Idem*.

[39] V. Lênin. *Sobre a violação da unidade encoberta com gritos de unidade*. Lisboa: Avante!, 1984, p. 495.

[40] V. Lênin. *A doença infantil do "esquerdismo" no comunismo*. *Op. cit*, p. 281.

formam o partido".[41]

Além destas organizações – entenda-se órgãos do partido – outros círculos de influência são "categorias" do partido: "3. organizações operárias ligadas ao Partido; 4. organizações operárias não ligadas, mas de fato submetidas ao seu controle e direção; 5. elementos não organizados da classe operária que em parte se submetem igualmente, pelo menos nas grandes manifestações da luta de classes".[42]

Como já dissera Lênin, em passagem anterior, citando o *Que fazer?*, "estes círculos, sindicatos e organizações são necessários por toda a parte, é preciso que sejam os mais numerosos e as suas funções as mais variadas possível, mas é absurdo e prejudicial confundir estas organizações com a dos revolucionários, apagar as fronteiras que existem entre elas".[43]

"Organização revolucionária", explica Lênin, é aquele conjunto de "pessoas cuja profissão seja a atividade revolucionária".[44] Isto é, com dedicação exclusiva à política, dedicação profissional, de tal modo profissional que "deve desaparecer por completo toda a distinção entre operários e intelectuais, para não falar já da distinção entre as diferentes profissões de um e de outro".[45]

Não se pode dizer que a realidade dispense estas distinções e formulações, a *fusão* com as massas e a necessidade da organização revolucionária. As condições de disputa política, seja na Rússia czarista, seja nas sociedades liberal-democratas contemporâneas, não permitem o amadorismo, o despreparo, as improvisações e o trabalho exclusivamente de fim-de-semana, enfim, este conjunto de traços da incipiência organizativa a que Lênin chamava de *artesanato* político.

Como sua arquitetura política indica, todos podemos fazer política revolucionária – formulação e ação – mas há de se ter formuladores e operadores cuja dedicação ao trabalho político seja integral. A burguesia sempre entendeu isto muito bem. Ela, como lembra Weber, procura

[41] V. Lênin. *Um passo em frente, dois passos atrás. Op. cit.*, p. 261.

[42] *Idem*.

[43] *Op. cit.*, p. 259.

[44] V. Lênin. *Que fazer ?*. Lisboa: Avante!, 1977, p. 158.

[45] *Idem*.

operar as atividades de ganhar dinheiro e as de garantir os ganhos, distribuindo os seus filhos entre a gerência dos negócios e a gerência do Estado.[46] Weber a criticava por não mandar seus melhores filhos para a política. Talvez o conceito de *melhor* para Weber incluísse qualidades que a rigor não são exatamente as qualidades requeridas pela política burguesa.

Vale lembrar ainda que Rosa Luxemburg, certamente a menos organicista e centralista dos teóricos marxistas, não tem compreensão diferente, neste aspecto. Também para ela "a iniciativa bem como a direção das operações (...) cabem naturalmente à parte mais esclarecida e melhor organizada do proletariado".[47] Finalmente, Lênin diz que a disciplina – esta virtude revolucionária fundamental – é também feita da "justeza da direção política que esta vanguarda exerce".

Aqui estão contidas duas questões relevantes para Lênin, também problemas candentes do nosso movimento, no Brasil: o fracionismo e a democracia partidários. "Fracionismo", explica Lênin, é a "unidade nominal (em palavras, todos são de um só partido), e a fragmentação real (de fato todos os grupos são independentes e entram uns com os outros em negociações e acordos, como potências soberanas)".[48]

Pensar distintamente sobre questões políticas e associar-se com outros militantes para fazer a luta política interna ao partido não são coisas estranhas a Lênin. Sua obra e sua vida são os testemunho de uma convivência de contrários constante. Uma vida de desacordos e alianças, que se sucedem, às vezes em duras críticas, quase ofensas; às vezes em elogios fraternais. Mais: durante um longo período, de 1903 a 1911, o bolchevismo não foi outra coisa senão a fração majoritária do POSDR.[49]

[46] Max Weber. Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída. In: *Textos selecionados*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 49-53.

[47] Rosa Luxemburg. *Greves de masses, parti et sindicats*. Paris: Maspero, 1969, p.105.

[48] V. Lênin. *Sobre a violação da unidade encoberta com gritos de unidade. Op. cit.*, p. 495.

[49] *Idem*, p. 493.

Mas isto correspondeu a uma fase da social-democracia russa. O partido que sucede essa fase, o partido bolchevique de 1912 em diante, é a forma superior de organização leninista. [50]Nela continuam as diferenças e o pluralismo de idéias, nas não cabe o fracionismo. Não se concebem frações "como potências soberanas".[51]

Esta questão candente de nosso movimento nos coloca a indagação sobre *se* e *quando* enfim teremos condições de criar um partido superior, de todos, ou pelo menos da grande maioria dos socialistas brasileiros Um partido em que o fracionismo não seja sua expressão mais real; em que os grupos-potências não sejam cultivados como tendências, no sentido de projetos de partidos futuros; em que os esforços se façam efetivamente comuns, na direção comum.

No contexto desta discussão, coloca-se o debate sobre a democracia partidária. Para Lênin, a ampla democracia "implica duas condições imprescindíveis: em primeiro lugar, publicidade completa e, em segundo lugar, o caráter eletivo de todos os cargos".[52] Estas condições são desejáveis e se encontram "nos países que gozam de liberdade política". Mas "uma ampla democracia de uma organização de partido, nas trevas da autocracia, é um brinquedo inútil e prejudicial", seja porque não se consegue levá-la à prática, seja porque "as tentativas para aplicar, na prática, um amplo princípio democrático só tornam mais fácil à polícia lançar as grandes vagas de prisão".[53]

Sua concepção de democracia está condicionada à liberdade política. Certamente os que conhecem os anos mais cruéis da ditadura não terão dificuldade de entender isto. Por conseqüência, o centralismo, que limita a publicidade das decisões e a eletividade dos dirigentes, aspecto que assumiu relevância na organização leninista, não é fruto de uma escolha, mas de uma necessidade conjuntural, a conjuntura da Rússia autocrática.

O modelo do partido social-democrata alemão seria o melhor e os procedimentos de sua democracia – pública e eletiva – eram acolhidos por Lênin

[50] *Idem*

[51] *Idem*

[52] V. Lênin. *Que fazer? Op. cit.*, p. 176.

[53] *Idem*, p. 177.

como adequados e progressivos.[54] Anos mais tarde, Lênin reafirmaria isto, dizendo que "a social-democracia alemã estava mais perto que ninguém do partido de que o proletariado necessitava para poder vencer".[55]

Ainda sobre a democracia, cabe um comentário sobre a discussão acerca do artigo 1º dos Estatutos do POSDR. Em que consistiu a questão? Consistiu na divergência sobre quem pode ser considerado membro do partido. Para Martov, futuro líder menchevique, membro do partido é aquele que aceita o programa, apóia materialmente o partido e opera "sob a direção de uma de suas organizações". Para Lênin, membro do partido é aquele que além da aceitação do programa e de apoiar materialmente o partido, participa de uma de suas organizações.[56] É uma sutil diferença, mas, como diz o provérbio, o diabo mora no detalhe. Operar sob a direção do partido é algo pouco concreto, pouco comprovável e aquém da democracia, até mesmo liberal. Para Mill, por exemplo, um liberal clássico, a participação direta do cidadão na gestão dos negócios públicos é um componente da efetiva democracia.[57]

Também aqui o PT tem uma experiência negativa que não deve ser repetida. Membro do PT é todo aquele que aceita seu programa e estatuto, mas do estatuto exige-se apenas o apoio material. O trabalho partidário em uma de suas organizações é dispensável. Esta é a razão (operacional, é claro) porque seus encontros puderam e podem ser tomados de assalto por "membros" arrebanhados e conduzidos em ônibus e *vans*, com a exclusivo tarefa de votar com seus chefes. Em outro sentido, a não exigência de participação, trabalho em algum órgão do partido, como condição para o exercício democrático, também estimula o fracionismo. A fração/tendência se converte na única forma de vida organizada, freqüentemente induzindo à excludência dos demais militantes, à hipervalorização do enfrentamento mútuo e ao internismo. Esta questão certamente está implícita no debate transverso que ora se faz sobre direito de tendência, democracia e centralismo.

A propósito, a polêmica sobre *centralismo*, no movimento contemporâneo brasileiro, onde as condições mínimas de liberdades políticas existem, é um debate

[54] *Idem*

[55] V. Lênin. *A doença infantil do "esquerdismo" no comunismo. Op. cit.*, 289.

[56] V. Lênin. *Um passo em frente, dois passos atrás. Op. cit.*, 289.

[57] John Stuart Mill. *Considerações sobre o governo representativo.* Brasília: UnB, 1981, p. 27-38.

anacrônico. Talvez um diversionismo. O que se parece colocar em questão é a democracia como forma de convívio entre as tendências/frações. Discute-se, na verdade, a capacidade de se chegar a uma decisão pela maioria, que seja respeitada pela minoria, a possibilidade de que os debates decisórios sejam conhecidos e compartilhados pelo público partidário, e não produto de bastidores, e que os dirigentes sejam eleitos pelos membros do partido. A exemplo do que ocorreu ao PT, o pluralismo se sobrepõe à democracia, sob o discurso de opor-se ao centralismo. Neste sentido, seria também atual o título do artigo de Lênin, *Sobre a violação da unidade com gritos de unidade*, com uma pequena adaptação: *Sobre a violação da democracia encoberta com gritos de democracia.*

Conclusão

A atualidade de Lênin certamente não se encerra nestas questões candentes. Questões profundas, ainda que submersas pelas questões emergentes; questões outras, cuja candência não foi percebida pelo autor, poderão encher muitas páginas.

Sua contribuição às luta contemporâneas é variada, na extensão e proporção da luta política no capitalismo. Para o gosto dos acadêmicos, dizemos que se trata de uma experiência de quarenta anos, vivida por um observador participante extremamente arguto, munido de um referencial teórico respeitável, o marxismo, e que se dedicava à pesquisa, ao estudo e à produção escrita com o rigor de um bom *scholar*.

Aliás, o apreço pela teoria é também uma lição leninista. Não somente por sua afirmação constante sobre a importância da teoria e da luta teórica, mas especialmente oferecida por seu exemplo pessoal.

Também é próprio destacar sua defesa dos *soviets*, os conselhos populares de operários, camponeses, soldados e marinheiros, cujo papel é exercer o efetivo poder e construir um "novo Estado", controlado pelas bases e a serviço da transição comunista, conforme diz em *As tarefas imediatas do poder soviético.*

Sua visão da aliança operário-camponesa (*O partido operário e o campesinato* e *Aos pobres do campo*), sua leitura da relação entre o *Anarquismo e o socialismo* – "o anarquismo é o individualismo burguês voltado ao avesso"; sua carta ao jornal *Student* tratando das *Tarefas da juventude revolucionária*, quando discute a relação dos estudantes russos com seus órgãos repre-

sentativos e com o partido revolucionário; a análise do *Revolucionarismo sem partido*, como um fenômeno conservador, próprio das crises políticas e de suas indefinições; a avaliação da *Guerra de guerrilhas*, como instrumento hábil no contexto da luta mais ampla – são textos que oferecem indicações importantes para as muitas dimensões do processo político transformador.

A isto se acrescenta sua reiterada tese da combinação da luta legal com a ilegal, onde se insere sua visão de múltiplas formas de luta ("o marxismo distingue-se (...) por não amarrar o movimento a qualquer forma determinada e única de luta (...)reconhece as mais diferentes formas de luta").[58]

Neste aspecto, cabe incluir sua defesa da participação socialista nos parlamentos e sindicatos reacionários, sem que isto signifique uma receita ou uma rejeição do histórico boicote à Duma de Bulíguine, comandado exatamente pelos bolcheviques, em 1905 (*Que fazer?, Duas táticas da social-democracia, No caminho e A doença infantil do "esquerdismo" no comunismo*).

Neste particular, a participação nos parlamentos poderia sem dúvida ocupar com destaque a lista das questões candentes do nosso movimento. A contribuição de Lênin, neste aspecto, principalmente a que se encontra em *Duas táticas* e *No caminho*, poderia ajudar muito na formação da militância socialista contemporânea, no Brasil. Talvez até fazer com que a valorização, quase uma dependência, do parlamento, dos gabinetes, dos favores burocráticos se reduzisse a dimensões menos exageradas.

Cretinismo parlamentar – é a expressão usada por Lênin, tomada de empréstimo à Marx, para este comportamento de fazer da atividade parlamentar a principal, quando não a única, atividade política. Segura e infelizmente esta é uma questão candente do nosso movimento.

No estender de um artigo não podemos apreender toda a atualidade de Lênin. Muito menos expressar o melhor de suas análises e do seu contexto. Mas certamente nos permite perceber e sugerir a necessidade do seu texto, a contemporaneidade dos seus problemas e as possibilidades de suas propostas.

Como escreveu certa vez Mário Quintana, "o passado não reconhece o seu lugar; está sempre presente". Ou, não será como disse Faulkner, "ele nem sequer passou"?

[58] V. Lênin. *A guerra de guerrilhas*. Lisboa: Avante!, 1984, p. 296.